

Professor Luís Bastos em entrevista ao Correio dos Açores

“Pode chegar o dia em que a Autonomia dos Açores poderá estar por um fio..”

Correio dos Açores - Foi deputado regional. Recorda-se deste tempo?

Luís Bastos (Professor) - Então não me lembro. Tinha 29 anos de idade.

Como era, então, o Parlamento dos Açores?

O Parlamento era muito novinho ainda. Era um centro, de facto, de intervenção e de debate político. Muito mais do que hoje, sem dúvida absolutamente nenhuma. E isso não é uma questão de passado ou de saudosismo. É uma questão de se ler o jornal do Parlamento: Ler-se o que lá se debatia e o que nós discutíamos porque eram as questões que, então, eram fundamentais para alicerçar a Autonomia e o aprofundamento da Região como Região Autónoma. Era tudo novo. E, sobretudo, havia convicções e as pessoas acreditavam nas causas.

Era o período das primeiras grandes obras.

É verdade, das primeiras grandes obras, e dos primeiros serviços autónomos e o desencadeamento de uma série de políticas autónomas. Havia, de facto, um mundo por desbravar. Para as pessoas que estavam na política era, de facto, alguma coisa que não se repete. Estes tempos dificilmente se repetirão. O princípio não se repete...

Hoje temos um Parlamento sem causas?

Temos um Parlamento de fracas causas e de muito pouca convicção e de muita mediocridade política.

Depois, foi Director da Educação...

Foi um período de grandes desafios. Estive lá no período em que se estava a completar a rede escolar. No período em que lá estive fui responsável pela Escola Secundária das Laranjeiras, pela Escola Secundária de Rabo de Peixe, pela aquisição de terrenos e projecto da Escola Secundária da Lagoa, aquisição de terrenos e projecto da Escola da Maia. E de algumas escolas na Terceira como a Vitorino Nemésio, por exemplo.

Portanto, era um período em que faltava completar uma rede escolar onde toda a gente pudesse ter acesso à educação. E faltavam professores.

...Não havia educação para todos...

Era uma altura em que se começava a dar os primeiros passos no sentido de uma educação ao alcance de todos. A educação não é para todos, não está ao alcance de todos.

Pode explicar-se?

Quero explicar que há alunos que têm mais facilidade em ter sucesso escolar do que outros porque as condições sociais e económicas em que vivem o permitem. E, portanto, há uma grande desigualdade e uma grande injustiça no acesso ao ensino, no acesso e no ensino propriamente dito. Nem todas as pessoas têm os mesmos apoios nem as mesmas pessoas dispõem das mesmas condições para terem o mesmo rendimento escolar. Esta é uma injustiça muito grande.

Foi candidato à Câmara Municipal de Ponta Delgada. Foi uma opção sua?

Sim, as pessoas julgam que não, mas foi uma opção minha. E a razão desta opção foi muito rara e conta-se em poucas palavras. A opção resultou, de facto, de ninguém do PSD querer ser candidato porque as sondagens davam um resultado muito mau para o PSD. O partido tinha vindo de umas eleições legislativas regionais, no ano anterior, em que tinha ganho a maioria absoluta por um deputado. E, portanto, o PSD não estava nos seus melhores dias. E veio a perder a maioria absoluta no Parlamento por-



Professor Luis Bastos: “A Autonomia tem, necessariamente, de ser repensada...”

que, entretanto, houve uns deputados do PSD que passaram a ser independentes. E, no Parlamento, perdemos a maioria.

Nestas condições, juntaram-se duas coisas. Ninguém quis correr o risco de ir a votos e, sendo assim, havia um vazio que estava a incomodar bastante o PSD. E eu tinha um problema. Não era problema e depois veio a ser. É que eu gostava de ser Presidente da Câmara. Gostava de exercer esta função. E então arrisquei. E sabe porque é que eu perdi? Porque houve uma coligação enorme contra o PSD. Sabe quem é que formava esta coligação? O Partido Socialista, o CDS e PDA e parte do PSD.

Recordo que coordenei um debate entre si e Mário Machado...

E tinha um projecto. E muito do que era o nosso projecto tem vindo a ser cumprido. Usei a expressão: “Ponta Delgada, uma cidade virada para o mar”. Era e é preciso virar a cidade para o mar e fazer de Ponta Delgada uma cidade do Atlântico. Estas são todas concepções do nosso programa de campanha para a Câmara de Ponta Delgada.

Foi Director Regional do Emprego e Formação Profissional.

No passado e hoje também, as pessoas têm um pouco a visão de que o Director Regional do Emprego cria emprego. Esta é uma ideia completamente errada. O Director Regional do Emprego não existe para criar emprego. Porque as dinâmicas económicas, empresariais, elas é que criam empregos. De maneira que o Director do Emprego está sempre numa situação um bocadinho difícil.

Se há uma crise e há desemprego parece que o culpado é o Director Regional do Emprego e as coisas não são assim. Portanto, é fascinante. Trabalhamos com sindicatos, com fundos europeus para programas de emprego e ocupação. Foi um dos cargos que gostei mais de exercer.

Como foi ser Chefe de Gabinete do Presidente do Governo, Mota Amaral?

Foi um privilégio muito grande. Foi das coisas que gostei mais de fazer. Tive de interromper o cargo por ter concorrido à Presidência da Câmara de Ponta Delgada, veja lá. E, depois das eleições, não voltei ao gabinete, mas sim ao Parlamento porque tinha sido

eleito nessa legislatura.

Foi um privilégio muito grande porque não são todas as pessoas que têm a oportunidade de trabalhar directamente com a pessoa que tem perfil de estadista e que é dos únicos que ainda existem em Portugal.

Estão a ser injustos com Mota Amaral?

Porquê? Porque é que me pergunta isso?

Não vai num lugar elegível na lista do PSD para as próximas eleições para o Parlamento Europeu?

Eu não sei se ele não vá. Quem é que lhe disse que ele não ia? O PSD, a nível nacional, que eu saiba, ainda não decidiu nada. No entanto, devo dizer que se não for é uma injustiça enorme.

Uma das características do Dr. Mota Amaral e, por isso, lhe atribuo o perfil de estadista, é que ele tem um consenso que vai muito para além do PSD. Não se limita ao PSD. E, portanto, é uma figura nacional que, se calhar, ensombra muitos. Mas que é um político que faz falta hoje na Europa, é. Da maneira que a Europa está, a crise que alastra, a Europa tende a ser uma Europa mais política do que económica e vai precisar de políticos com experiência como o Dr. Mota Amaral.

Depois da sua evolução política, voltou à docência, e que escola encontrou?

Encontrei uma escola com muito boas condições para se trabalhar, como todas as outras escolas existentes nos Açores. Temos dos melhores parques escolares do país. É preciso não esquecer isso. Temos de fazer justiça.

O que é que falta?

Falha as pessoas não se interessarem por reflectir precisamente sobre o que falta. As coisas acontecem e as pessoas parecem ficar indiferentes a este drama que é o insucesso escolar nos Açores. Temos os melhores professores, os melhores equipamentos, as melhores escolas, uma acção social escolar muito eficaz no apoio ao aluno. Temos tudo aquilo que é necessário para o sucesso. No entanto, os nossos resultados são aqueles que se vêem a nível nacional. É uma vergonha.

A responsabilidade desta realidade não pode ser

assacada simplesmente à escola. A responsabilidade disso tem de ser assacada também a um clima social e económico que se vive nos Açores que, como se sabe, também é preocupante.

Quais são os principais desafios que se colocam hoje aos Açores?

Saberem o que querem. Os Açores não sabem o que querem. Se querem mar profundo, se querem foguetões, se querem turismo, se querem lavoura. É preciso saber o que é que se quer para também se melhorar aquilo que está adstrito a um plano global de desenvolvimento, como, por exemplo, a nossa Universidade. Onde é que se deve investir? Quais são os sectores que são vitais para que os Açores consigam aguentar-se como Região Autónoma.

A Autonomia não é um dado adquirido. Há muita gente que pensa que a Autonomia é um dado adquirido. Não é um dado adquirido. Aliás, cada vez há menos Autonomia. Cada vez mais o que se faz é gerir uma Região que está afastada do Terreiro do Paço e que, portanto, é preciso alguém que esteja lá para gerir aquilo. O que se faz aqui é o que se faz a nível nacional. As leis são plasmadas, são adaptadas. Não se criam políticas, não se desenvolvem medidas de política próprias. E há tanta coisa por fazer, com imaginação e com criatividade, aproveitando a Autonomia, mas não se faz nada.

Está quase a falar num barco à deriva...

É um barco que corre este risco. Corre o risco de ficar à deriva porque também, pensando as pessoas que a Autonomia é um dado adquirido, esqueceram-se que há coisas que têm de ser revistas. Já estão ultrapassadas pelo tempo. Este modelo autonómico já está ultrapassado pelo tempo. Esta é uma Autonomia feita à medida de uns Açores atrasados, terceiro-mundistas que éramos. E graças à Autonomia, evoluímos imenso mais, agora, é preciso dar um outro passo ao nível da qualidade da nossa administração política e administrativa. A qualidade desta solução tem que se repensada.

Eu, por exemplo, não gostava hoje de ser graciosense, ou florentino, ou jorgense. Não têm qualquer voz como tem um terceirense, um micaelense ou um faialense. Ao fim e ao cabo, estamos muito próximos da ideia dos três distritos de antes da Autonomia que é onde estão os centros do poder, Angra, Horta e Ponta Delgada. E funcionamos muito como distritos e cada vez mas como distritos e menos como Região porque a unidade foi um dos grandes falhanços da Autonomia. Não há unidade regional, pelo contrário.

Sendo assim, não sei se não seria mesmo de rever toda esta administração, de baixo para cima ou de cima para baixo como se quiser. E, se calhar, a solução dos três distritos ainda é a melhor. Não sei. É preciso pensar estas coisas. É preciso pensar a política.

Nós temos ainda este problema que é: Todos os recursos humanos que não conseguimos produzir de qualidade, ou são marginalizados, ou emigram. E cada vez mais há um afastamento das pessoas de qualidade em termos de formação, de quadros, em relação às questões da política que cada vez diz menos às pessoas. E isso é dramático porque a política está a ser povoada pelos medíocres, aqueles que não conseguem vingar noutro tipo de vida, têm a política e o carreirismo como solução.

Qual a sua opinião sobre o comportamento da sociedade pós-moderna?

A mim preocupa-me, sobretudo, o regresso de velhos fantasmas que é o que está a acontecer um pouco por toda a Europa, o racismo, a xenofobia, a perseguição aos judeus que, em França, está na or-